

**Registro de memórias: uma aproximação entre a imaginação literária e a realidade da sociedade brasileira na obra *Heranças*, de Silviano Santiago**

*Gabriela de Oliveira Vieira*<sup>25</sup>

**RESUMO**

Este estudo visa a estabelecer as representações do laço imaginativo literário e a realidade da sociedade brasileira na obra *Heranças*, de Silviano Santiago, na literatura brasileira do século XXI, articulando dados literários e extraliterários, literatura e vida social. Com apoio nos pressupostos de Antonio Candido, o presente artigo ratifica a correlação entre linguística, estrutura e forma para que haja a compreensão plena da obra, assim como o papel social e humanizador da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação da realidade; *Heranças*; Memória; Antonio Candido.

**Reflexões iniciais**

Este artigo tem como corpus de análise o romance *Heranças*, de Silviano Santiago, o qual abrange, em seu enredo, o século XX e o início do século XXI. A respeito da obra, visa-se a tecer uma associação dialética da literatura brasileira e da representação social ao considerar-se que Silviano Santiago – escritor contemporâneo, crítico literário, ensaísta e professor universitário de literatura – traz nesse trabalho o conflito psicológico em que, metaforicamente, é desnudado o indivíduo perante o mundo que o sufoca e o oprime através de suas lembranças.

Para narrar este tormento interior do personagem, Santiago desenvolveu Walter, narrador-protagonista de *Heranças*, e de pronto, na primeira frase, o leitor depara-se com o seguinte enunciado: “Elegi a cidade, escolhi o cemitério. Decidi passar os últimos anos de vida no Rio de Janeiro e ser enterrado no S. João Batista”

---

<sup>25</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. Literatura comparada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen. Rio Grande do Sul. Brasil. [gaby.mhd@hotmail.com](mailto:gaby.mhd@hotmail.com)

(SANTIAGO, 2008b, p. 7). Neste contexto, através da voz resoluta do emissor, o leitor defronta-se com a raiz da aflição que permeia todo o registro memorialístico de Walter: a morte. A cena do personagem parado à porta de seu escritório, alojado em seu apartamento com um rasgo de sorriso, resolvido em sua missão de apresentar-se cortês à nova copeira – cuja consciência de que somente ela o preservará da “solidão absoluta” (SILVIANO, 2008b, p. 13) na velhice é fator determinante que o impele a tal postura social –, permite ao leitor a compreensão do motivo que levou o narrador a contar e transcrever a sua história.

No limiar entre a vida e a morte, Silviano, nas falas de seu personagem, apresenta um retrato da sociedade brasileira do século XX e início do século XXI, representada na burguesia com seus discursos frívolos e degradantes. Walter compara a burguesia a uma doença sexualmente transmissível, representada como a “Princesa Venérea do Sonho”:

[...] a outra moça, bem, a outra é apenas uma extensão tardia, aprimorada e burguesa da primeira. [ . . . ]. A segunda moça surgiu ao lado direito de minha cama de velho solteiro. Era mais bonita, sedutora e atraente do que a primeira. Por isso, apelidei-a de Princesa Venérea do Sonho. (SANTIAGO, 2008b, p. 56)

Uma vez que, para Walter, a burguesia possui uma aparência bonita (que não passa de um embuste social), na metáfora, ela também lhe assume a forma de “doenças” que fragilizam o sujeito.

Walter elenca também a história de um Rio de Janeiro que se desenvolve ao passo que o protagonista cresce. Numa Belo Horizonte de ontem e uma Ipanema dos dias atuais, ele conta seus dramas e peripécias da juventude. De personagem descarado, pilhérico, sedutor, mulherengo, regressa a um sujeito paralisado diante do dilema: a quem deixar sua fortuna?

No discurso de Antonio Candido (2000, p. 5-6), compreende-se a ideia de que o meio social deve ser um auxiliar na criação da narrativa e não o contrário. Para o autor, a literatura deve valer-se de uma análise dos elementos internos para associação com os

elementos externos que agreguem valor de compreensão à obra. “A narrativa de *Heranças* é bastante amarga, e nela as questões familiares têm um peso tipicamente mineiro. Que herança você trouxe de Minas?” tal pergunta foi feita pela revista G1 no ano de 2008, e a resposta que Santiago deu quanto a este questionamento corrobora o pressuposto de Antonio Candido (2000), p. 5-6) ao relatar a verossimilhança do fato de o personagem ser construído na cidade de Belo Horizonte e seu psicológico se moldar neste meio; mas seria minimizar a obra analisando-a somente por este aspecto, pois como cita Santiago: “O amargor pode vir do acaso do encontro, ainda na juventude, com a Princesa Venérea, pode vir da falta de herdeiros. Em suma, o amargor é resultado de uma vida humana sem serventia... humana” (SANTIAGO, 2008a). Na visão do autor, a “herança coletiva” e a “individual” devem estar no mesmo patamar de igualdade – “Contas feitas, todas as questões tratadas no romance têm de sair ganhando no tom adotado para a narrativa – ou, então, será ela uma obra publicada e fracassada” (SANTIAGO, 2008a). Sendo assim, Candido (2000b, p. 5-6) defende que deve existir uma avaliação entre a obra e o ambiente, e ver de que maneira uma se funde na outra.

Santiago (2008b) consente ao leitor adentrar ao universo do personagem; no entanto, este fator só se torna possível pela forma de escrita adotada. O leitor embrenha-se junto ao narrador em um universo de introspecção. Neste acompanhamento, podemos afirmar que, em determinados momentos, o leitor se torna um sujeito participante da obra, o passo que o narrador assume características do personagem. Deste modo, a noção de realidade tornasse vívida ao leitor.

Percepção que podemos relacionar ao pressuposto de Antonio Candido (2000, p. 6), de que a organização interna de uma obra deve partir do individual para o geral, ou seja, do texto para o contexto, igualmente explorando a forma e a linguística para propiciar um diálogo efusivo com o leitor. Santiago explora largamente este recurso, utilizando subterfúgios a exemplo da descontinuidade apresentada na obra – espaço e tempo não são lineares. Walter, em suas divagações, transita pelo espaço de tempo conforme as memórias lhe vão ficando claras na mente. Ao fazer este jogo de

*flashbacks* entre os fatos que merecem alguma notoriedade, articulando-os com o passado e presente, Silviano, mesmo na fragmentação do texto, não os torna um amontoado de lembranças sem nexos, muito pelo contrário: na “bagunça”, ele estabelece um fio condutor que leva o leitor a um entendimento de sua obra à medida que este avança seu olhar nas linhas impressas.

Na autoincriminação de seus atos, o personagem-narrador vai tecendo confissões de uma jovem vida desregrada, egoísta e, de certa forma, idealizada e falsa. As doenças não o afligem, visto que o dinheiro pode comprar a cura, nem a “princesa venérea” o assusta, já que o futuro não é algo em que o jovem Walter pense. Nas reflexões do Walter adulto, percebemos resquícios de uma tolerância para com este jovem, quando ri de suas peripécias e, assim, ameniza suas faltas juvenis. Ou, quem sabe, seja esta uma atitude proposital para mostrar o quão o ser humano é mesquinho e alheio à sua vida e às dos outros.

Mesmo apresentando referências em comum com o sujeito pícaro, uma vez que “em geral, o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização” (CANDIDO, 2010, p. 19), Walter, nesta perspectiva, já “nasce um malandro feito” (CANDIDO, 2010, p. 19), como se fosse uma característica inerente a seu ser, não um predicado que foi sendo agregado e construído ao longo das mazelas da vida, mesmo com a aquisição de uma doença sexualmente transmissível. Candido (2010, p. 20) conceitua o termo “pícaro” como:

Um tipo inferior de servo, sobretudo ajudante de cozinha, sujo e esfarrapado. E é do fato de ser criado que decorre um princípio importante na estruturação do romance, pois passando de amo a amo o pícaro vai-se movendo, mudando de ambiente, variando a experiência e vendo a sociedade no conjunto.

O que era para ser um choque de realidade – a doença – não repercutiu na forma de pensar do personagem-narrador, visto que se trata de um sujeito abonado e que o dinheiro “comprou” sua cura.

Com base no panorama apresentado da obra, será abordada, primeiramente, a relação entre a memória e a literatura brasileira, seguida da análise dos traços que desencadeiam a “função humanizadora” da literatura proposta por Antonio Candido (1995), e, num terceiro momento, os fatores sociais que formam a estrutura da obra. Nesta conjuntura serão utilizados como subsídios para análise os textos de Antonio Candido.

### **Armazenamento e evocação das memórias na literatura brasileira do século XXI**

Nas memórias de Walter, temos um imaginário interagindo com quase todas (se não todas) as lembranças transcritas. Se tivermos um indivíduo contando sua própria história, teremos um material ficcional permeando os fatos, pois é inerente ao ser humano a capacidade de ler o mundo e as situações que o cercam de maneiras distintas. Ivan Izquierdo (1989, p. 89), afirma em seus estudos que a “memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou)” e continua dissertando que o cérebro só grava aquilo que toca o ser humano, os acontecimentos mais relevantes e que, por trás da compreensão, existe um universo subjetivo a ser desvendado.

Nesta linha de raciocínio, Izquierdo (1989, p. 95) escreve:

A formação ou não de uma memória depois de um determinado evento ou experiência, sua resistência à extinção, à interferência e ao esquecimento, dependem destes quatro fatores: seleção, consolidação, incorporação de mais informações, formação de registros ou “files”.

Com base nesta assertiva, temos na colocação de Izquierdo (1989) a confirmação de que as memórias são representações da realidade:

Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades: as ruínas de Roma não são a Roma imperial; um disco da Nona Sinfonia gravado por

Toscanini, Karayan ou Kleiber não equivale à sua execução, nem à Nona Sinfonia que Beethoven concebeu. Certamente não à que Beethoven tinha em mente quando, já totalmente surdo, a regeu pela primeira vez em Viena, em março de 1824: a orquestra já tinha concluído, há vários compassos, e o compositor, de olhos fechados, continuava regendo. (IZQUIERDO, 1989, p. 89)

As memórias são fontes riquíssimas de aprendizagem, conhecimento social, cultural e educacional. Apesar de muitas vezes a imaginação intervir na percepção do que é real, não anula o poder que a memória possui, visto que “são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos” (IZQUIERDO, 1989, p.89).

Santiago (2008b), em *Heranças*, ao utilizar como recurso a memória para contar a vida de Walter, dá margens ao teatro do absurdo, cujos acontecimentos inverossímeis colidem com o retrato de uma sociedade brasileira. A figura da memória abre espaço para a capacidade inventiva de Walter, tais como o leitor vê nas “Princesas” do narrador-protagonista, que, segundo ele afirma: “uma da Vida e outra do Sonho”.

O mundo da prostituição é algo presente e corriqueiro na vida do personagem. Ao retratá-lo, metamorfoseia nestas duas figuras a simbologia do desejo carnal e da doença sexualmente transmissível que lhe veio moço. Um Walter já velho e estéril, discorre sobre como apareceu na sua vida às chamadas “Princesas Venéreas”, os anseios e desejos juvenis, a insensatez perante o sexo. A “Princesa do Sonho” vem para lembrar-lhe e, talvez, provocar a redenção e reflexão sobre suas atitudes em relação à doença. No fragmento que segue da obra percebemos o tormento que suas memórias lhe infligem: “Foi para pedir-lhe perdão que a Princesa Venérea da Vida me apareceu em sonho? Ou, invocada pela tecelagem inconsciente de minha imaginação, reapareceu-me para eu pedir-lhe finalmente clemência?” (SANTIAGO, 2008b, p. 68). Na mistura do real e do imaginário, Walter tece diversas reflexões sobre o fato, tal como o motivo que o levou a não contar sobre a doença ao pai. No discurso proferido pelo personagem no trecho e em toda a obra, percebe-se a busca constante através de suas lembranças, respostas para suas indagações e a maneira como escreve, por diversas vezes, encontra-

se impregnada por outros discursos. No fragmento que segue, Walter deixa claro estar ciente da situação:

Se, no entanto, acreditar que baralho por demais as circunstâncias, ou se julgar que me desvio do objetivo proposto inicialmente, peço-lhe que não exija de mim mais do que lhe está sendo oferecido. Estou a lhe oferecer tudo de mão beijada. Às vezes, as coisas são como não foram. Aranhas encontradas pela manhã são portadoras de más notícias; deparadas à noite, prenunciam felicidade. (SANTIAGO, 2008b, p. 58)

Através dos registros memorialísticos do personagem-narrador, o Rio de Janeiro e Belo Horizonte tomam forma para o leitor. Nas descrições das ruas, dos lugares, o leitor conhece as cidades. Hábitos e costumes da sociedade brasileira vão tomando forma à medida que se impregnam na história.

Para Candido (2002), a análise literária não deve se restringir a estrutura da obra, o crítico deve ter em mente que deve correlacionar à função a estrutura de uma obra literária. As “obras inteligentes”, segundo o autor, são aquelas nas quais se percebe um valor por si, em suas próprias estruturas, mas que dependem do contexto para serem apreendidas pelo leitor. Fator que leva ao questionamento de qual papel a obra exerce sobre a sociedade, a reflexão sobre o homem e não à constituição de um sistema. Cada texto terá, portanto, uma construção inteligente que propiciará o entendimento de sua capacidade humanizadora.

### **Morte e vida: traços que desencadeiam a função humanizadora na obra *Heranças*, de Silvano Santiago**

Walter mescla as divagações sobre a sua história com os aspectos da vida carioca e lhe chama a atenção o fato de que há uma espécie de festejo em relação à morte, ou, em suas palavras, “o júbilo pela morte” (SILVIANO, 2008b, p. 14). Prossegue com o seguinte comentário: “À beira do túmulo, irmanados pelo que um dia foi ocasião para tristeza e luto, os cariocas se despedem aos risos do ente amado” (SILVIANO, 2008b, p. 14).

Posicionando-se de forma irônica sobre o acontecimento, volta ao tema que perpassa todo o enredo (sua morte), diz que não quer ser aplaudido, pois poderá espantar os vermes que o esperam para o banquete, e que só tem por testemunha o coveiro. Com pinceladas do seu costumeiro sarcasmo, Walter comenta que fez constar no “epistolar pacote” que “a agência funerária não deverá exagerar no valor da propina ao coveiro. Eu o quero nem triste nem alegre. De preferência, cabisbaixo e, em virtude do baixo valor da gorjeta, à beira do impropério” (SILVIANO, 2008b, p. 15). Nesta passagem, assim como a já citada do encontro com sua copeira, o leitor nota um tom de desesperança e complacência com a solidão que reinará no seu fim. Medo que, talvez, perpassasse a todos nós, seja na juventude ou na velhice, o estar só é sempre um temor para o ser humano e, talvez, por este motivo, Walter se previna da certa angústia já predeterminando que, no momento de sua morte, não tenha ninguém, só o coveiro, sujeito alheio a ele que não saberá de suas falhas.

Se o personagem não fala diretamente na morte, a traz arraigada nos fios de suas lembranças e crenças. Em diálogos hostis e sem emoções, com linguajar beirando por diversas vezes o vulgar, Walter nos conta que não tem filho – não por ser estéril –, pois, dissimulado e galante, convencia suas amantes do aborto. No trecho a seguir, percebe-se a maneira como o personagem lida com o fato:

Se ao ser depositada na caverna vaginal, a semente se desdobrasse em flor e fruto dentro do útero, o jardineiro de minha vontade – devidamente instruído pelo bem-estar financeiro do patrão – se adiantava ao ciclo natural da gestação, e ceifava a haste fértil com o podão. Ou acariciava o fruto, até que caísse do galho e estatelasse na terra, que nos há de engolir a todos. (SILVIANO, 2008b, p. 19)

Mulheres grávidas que não queriam o aborto ele chantageava com dinheiro; quanto às irredutíveis, em sua loja de produtos medicinais, Walter sempre conseguia “poções mágicas” (SILVIANO, 2008b, p. 23). Inescrupuloso, o caráter duvidoso do personagem transparece já na sua juventude. Egoísmo presente até o último ato de sua vida – quem melhor que si próprio para receber sua herança? – Silviano constrói um personagem satírico, que expõe seus atos infames como estivesse a contar o que assistiu



na televisão, sem envolvimento emocional e, por diversas vezes, resquícios de deboche são encontrados na narrativa em relação ao leitor.

No tom em que são expressas suas faltas existe a exposição dos horrores da sociedade brasileira do século XX e início do século XXI. Com tal levada de enredo, Santiago elabora um panorama de faltas sociais e de um indivíduo que leva até as últimas consequências o lado irracional do homem; e é, justamente, esta característica peculiar da obra que confirma o papel social e humanizador da literatura proposto por Antonio Candido (2002). No caso da obra *Heranças*, o leitor humaniza-se no momento em que se percebe diante de uma história que, no extremo do absurdo, das atitudes humanas, não deixa de ser real.

Ao mesmo tempo em que faz uma denúncia social – a corrupção que circula entre os profissionais da saúde entre outras apontadas – Walter revela ser um sujeito manipulador. Ao descobrir-se portador de uma doença sexualmente transmissível, a “princesa venérea”, assim chamada pelo protagonista, ele chantageia o médico. “Eu o descobria chantagista e ele a mim, um rapazinho imberbe e disposto a ser dono do próprio nariz” (SILVIANO, 2008b, p. 20). A penicilina recém surgia no mercado e sua venda não poderia ser feita sem receita médica.

Nas palavras de Candido (2002) a literatura traz o que as convenções esperam suprimir. Sendo assim, sua função psicológica sistematiza a fantasia ao atribuir um papel formador à leitura, atuando nas camadas profundas do subconsciente de maneira complexa. Segundo Candido (1995), as manifestações fantasiosas são inerentes ao ser humano, visto que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 242).

A função humanizadora e social que literatura possui desde a antiguidade suscita discussões e discriminações. Sendo assim, textos que não correspondam aos critérios estabelecidos por instituições que qualificam as obras literárias (como Verdadeiras, Boas e Belas) permanecem à periferia do que é tido como de qualidade. Hoje, as literaturas que não compreendem os critérios canônicos são denominadas “literaturas

marginais”. Neste ínterim, a função social da literatura mostra sua face. Temáticas, formas de escrita e linguagem colocam em evidência o que a sociedade prioriza ou nega como instrumento de educação e instrução. Para Candido (1995, p. 243) “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

### **Função social da literatura brasileira: uma análise crítica e literária**

Silviano, para contar a história de Walter, utiliza como subterfúgio aspectos sociais e descrições das cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, compondo assim o panorama do relato a ser destrinchado pelo leitor na obra *Heranças*. Esta produção ficcional que funde memória, história e literatura de maneira labiríntica, atrai o leitor às suas entranhas, convergindo na busca e na construção, juntamente a Walter, de seu passado tortuoso.

Segundo Candido (2000, p. 5), o texto e o contexto devem afluir em uma interpretação dialética, ou seja, o condicionamento social deve fazer parte da estrutura interna da obra, fornecendo suporte para que a trama se desenvolva. Deste modo, o que difere a análise literária puramente sociológica da crítica é que a primeira percebe a obra unicamente como fator social. Já o papel da verificação da medida em que estes fatores sociais se coadunam com a obra é da crítica literária. Apontar que o livro se ambienta no Rio de Janeiro do início do século XXI, como são as vestimentas e costumes, são análises de historiadores e sociólogos que não se dedicam a analisar a interação destes aspectos com a construção da obra.

Em *Heranças*, temos nas memórias de Walter a recapitulação de fatores históricos e sociais, a exemplo da transição do vestuário feminino. Neste relato, aparece a imagem de Alceu Pena, figurinista de Carmen Miranda, e a de seu pai (alfaiate): de um lado, o padrão tradicional; do outro, um Alceu revolucionário. Este episódio serve para mostrar as variantes que uma roupa pode causar no sistema cultural e até mesmo identitário de um país:

Com arrojo e sensibilidade tropical, Alceu ensinou a moça brasileira a se livrar da roupa pesada, dada de empréstimo pela neve europeia. Leve e brejeira, com corpo guarnecido por chita ou organza, nossas moças empinavam os seios, mostravam as coxas fartas e roliças e, lastbutnotleast, requebravam com os quadris de duas polegadas ou mais. (SANTIAGO, 2008b, p. 81)

O contexto social não está somente reproduzido, mas está na estrutura interna. Os sistemas simbólicos transmitidos ao leitor através dos traços sociais são as arestas que compõem a estrutura da obra. No fragmento que segue, temos a palavra de Candido (2000, p. 8):

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.

A literatura, além de propiciar a fantasia e a formação de personalidade, segundo Candido (2002), possui outra função dentro da literatura: promover a autonomia de significado, sem perder o elo com o real e nem anular a sua capacidade de atuação sobre ele. Nesta perspectiva, Candido (2002, p. 92) comenta: “O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é sua e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão de realidade.” Portanto, para a compreensão da obra, como já salientado, de acordo com Candido (2000, p. 9), o texto deve ser dialético, ou seja, possuir ligações contextuais com outras áreas.

### **Considerações finais**

As reflexões irônicas do personagem em *Heranças* são um recurso contínuo utilizado pelo autor. O contar a história, por diversas vezes, torna-se parte secundária do escrito, pois Walter fala de amenidades e assuntos sérios sempre com um tom debochado, trava diálogos e brinca com o leitor o tempo todo, o incitando a se revoltar e

a contestá-lo. Ao criar um personagem sem nenhum escrúpulo, Silviano o humaniza através de suas falas.

O processo de humanização na história também provém da busca constante do narrador-protagonista, Walter, em destrinchar suas lembranças. A dificuldade sentida por ele, ao longo do relato, é perceptível: por vezes, pede desculpas ao leitor ao delongar-se nos fatos, se está complexo demais ou de menos, conflito que transparece em suas falas: “Não mais lhe pedirei paciência leitor. Irei puxando pelas lembranças adolescentes, como se se pudesse acrescentar ao sonho – ou ao pesadelo – os elementos fornecidos pela memória voluntária” (SANTIAGO, 2008b, p. 59). Franco, ou talvez, um truque de sua malandragem, Walter, para não haver questionamentos em relação a seu relato, antecipa a conclusão do leitor, avisando de antemão que utiliza elementos fantasiosos para compor sua narrativa:

Você que me lê e eu já combinamos – nós dois queremos os detalhes de minha vida bem explicados. Aí os terá. Portanto, não importa se tenha de me valer de recursos artificiais na recordação e na descrição do tempo presente. Aceite, pois, que eu busque apoio na muleta da voluntária. Sairemos ganhados. Garanto-lhe. (SANTIAGO, 2008b, p. 59)

O leitor aproxima-se do personagem e da realidade criada pelo escritor, segundo Candido (2002), devido à existência da inteligência da forma, ou seja, a articulação das funções literárias (humanizadora, social e psicológica) em relação aos fatores da estética, linguística e estrutura. Nesta conjuntura, Candido (2000) também afirma que se faz necessária a compreensão de que a obra é formada socialmente, que o autor é uma constituição social, porquanto o enredo criado nasce do contexto de uma realidade, de uma situação social ou cultural vivenciada.

Aludindo a Candido (2000), os fatores sociais apresentados em *Heranças*, mesmo sendo evidentes (ex.: cidade, lugares, costumes etc.) não bastam para definir o caráter social de um estudo. Somente quando os traços sociais apresentados forem vistos como parte integrante da formação da estrutura da obra poder-se-á defini-lo. Portanto, a análise deve partir do texto para o meio e não o inverso. A literatura para o

autor é uma expressão do social – ainda que individual –, visto que é um documento de seu tempo e contexto social. As relações extraliterárias contidas num escrito viabilizam a análise do vínculo indissociável entre a obra e o ambiente.

### **Register of Memories: An Aproximation Between Literary Imagination and the Reality of the Brazilian Society in Silviano Santiago's Heranças**

#### **ABSTRACT**

This study aims to establish the representations of the imaginative literary loop and the reality of Brazilian society in the work *Heranças*, by Silviano Santiago, in the Brazilian literature from the twenty-first century, articulating literary and extraliterary data, literature and social life. With the support of Antonio Candido's assumptions, the current article confirms the correlation among language, structure and form, for there is a whole understanding of the work as well as the social and humanizing role of literature.

**KEYWORDS:** Representation of reality; *Heranças*; Memory; Antonio Candido.

#### **REFERÊNCIAS**

- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 77-92.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000. p. 5-16.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. 4. ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre o Azul, 2010. p. 17-47.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-265.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.3, n.6, maio/ago.1989, p. 89-112. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SANTIAGO, Silvano. Entrevista: Silvano Santiago. *GI: Máquina de Escrever: um olhar crítico sobre a literatura, cinema e artes plásticas*. 2008a. Entrevista concedida a Luciano Trigo. Disponível em:<<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/02/entrevista-silvano-santiago/>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SANTIAGO, Silvano. *Heranças*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008b.